

## atravessando deleuze

edson passetti\*

Um território não se restringe a um local físico, nem serve de referência para uma utopia. É um possível espaço a ser habitado de maneira nômade, como a filosofia de Gilles Deleuze. Ele não é propriedade de alguém, nem *terra de ninguém*; neste território e nesta filosofia se desdiz o credo dos evolucionistas que viam os nômades como destruidores da natureza. Também não se pode dizer que há uma filosofia de Gilles Deleuze, mas sim uma filosofia deleuziana da diferença, em que o filósofo não está sozinho, não é o mestre que requer discípulos, mas que reúne para compartilhar. Trata-se de *uma filosofia da diferença* e não de uma filosofia diferente, morada dos habituais freqüentadores dos modelos.

Quando Gilles Deleuze escrevia em companhia de Félix Guattari, eles não se conformavam em diluir um no outro, ou estabelecer uma identidade de autoria dupla. Ambos soterravam a autoria individual — do escri-

\* Professor no Departamento de Política e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP e Coordena o Nu-Sol. Publicou entre outros livros *Anarquismos e sociedade de controle*, São Paulo: Cortez, 2003.

tor soberano intelectual, do “O” ao “UM”. Propunham e situavam a relação *entre*, no percurso desterritorializante em que partilhamos ritmos diferentes e somos iguais por fazer coexistir nossas diferenças.<sup>1</sup> Entre Deleuze e Guattari, neste lugar escolhido que vai de um ao outro, eles se encontravam desafiando no território dos platôs e não no das propriedades. Assim, filosofia da diferença aproxima e propicia a coexistência ao jovem iracundo e ao experimentado elaborador de conceitos. Ela provoca a invenção de percursos.

Nômades são conhecedores de derivas, escapam de itinerários estabelecidos, tramam movimentos estranhos a quem os quer andando em círculos, no vaivém da reta, derrapando em curvas, deslizando sem rumo pelas encostas ou tentando, ainda que esbaforidos, dar mais um passo adiante sob a asfixiante pressão da altitude. O território não é só geográfico e não se restringe à relação superfície-profundidade. Ultrapassa o que pode ser capturado por uma fronteira, o interior de uma área contornada por uma jurisdição da preservação como a do santuário ecológico ou da segurança da propriedade privada. Nômades atravessam territórios, des governam-se sem perder o rumo, deslocam fronteiras, não são apanhados pelas semelhanças ou modelos; não são migrantes que se deslocam de um ponto ao outro. São poucos e muitos, pequenos e grandes, baixos e altos, aéreos e subterrâneos, estão em bandos, redes ou fluxos. São diferentes. Provocam diferenças. Diferenciam pelos transtornos e intensidades. Resistem. São máquinas de guerra. Não são militares em luta pelo Estado, soldados remunerados ou mercenários matando para sobreviver, comandos que dizimam ou submetem os perdedores como escravos. Sabem que a vida é uma batalha. Não fogem do combate.

Deleuze andou com Bergson, Espinoza, Nietzsche, e muitos tantos outros vivos e nem tão mortos assim. Quando saiu da vida se preparava para escrever sobre Marx<sup>2</sup>, um Marx atualizado na crítica ao capitalismo, e possivelmente, um Marx *entre* os anarquistas, antes do *manifesto* e longe da *ditadura do proletariado*.

Deleuze forneceu pistas para travessias aéreas, terrestres, subterrâneas, interiores. Alertou para as capturas, ampliou linhas de fuga, conectou e desconectou moleculares e molares, e constatou que se o futuro coletivo das revoluções está ultrapassado, nenhum devir revolucionário pessoal-intransferível pode ser pacificado pela sociedade de controle, esta sociedade que emergiu após a II Guerra Mundial, pautada pela comunicação instantânea, controle contínuo e regime do inacabado.<sup>3</sup> Deixou de sobreaviso os crentes na democracia lembrando que sua existência requer muita, muita miséria, e estraçalhando, neste tempo atual e babaca, com o tanto de gente que pretende melhorar as condições de pobreza, administrando o Estado — o sonho de direita, do centro, de uma nefasta esquerda.

Deleuze afirmava que a cada época de deserto segue outra de explosão cultural. Se *Maió de 68* foi um acontecimento explosivo, era preciso não se manter imóvel diante dos áridos tempos atuais — do início dos anos 1990 —, quando constatava a dificuldade que tinha um jovem para atravessar tamanha solidão. Os espaços desérticos restauram a transcendência, favorecem o retorno a uma filosofia universitária e dificultam a filosofia como criação. É fora deste bolor acadêmico que a filosofia como criação faz funcionar os conceitos no campo da imanência, como o de *sociedade disciplinar*, de Michel Foucault, com quem Deleuze manteve conversações intensas, inclusive no silêncio que habitou as relações entre eles por certo tempo. Para Deleuze, foi

Foucault quem levou mais longe a criação de conceitos e a ele dedicou um livro homônimo escrito depois de sua morte. Por sua vez, Foucault, que com ele escrevera uma *Introdução geral*<sup>4</sup> à obra de Nietzsche, sabia que a importância de Deleuze atravessava a fronteira da filosofia. Ao apresentar *O anti-Édipo* aos leitores em língua inglesa finaliza dizendo: “o livro faz pensar com frequência que só há humor e jogo ali onde entretanto algo de essencial se passa, algo que é da maior seriedade: o banimento de todas as formas de fascismo, desde aquelas colossais, que nos envolvem e nos esmagam, até as formas miúdas que fazem a amarga tirania de nossas vidas cotidianas.”<sup>5</sup> Nas conferências do Brasil, no início dos anos 1970, Michel Foucault dedica especial atenção ao mesmo *O anti-Édipo* sublinhando que “Édipo não seria pois uma verdade da natureza, mas um instrumento de limitação e coação que os psicanalistas, a partir de Freud, utilizam para conter o desejo e fazê-lo entrar em uma estrutura familiar definida por nossa sociedade em um determinado momento. Em outras palavras, Édipo, segundo Deleuze e Guattari, não é o conteúdo secreto de nosso inconsciente, mas a forma de coação que a psicanálise tenta impor na cura a nosso desejo e a nosso inconsciente. Édipo é um instrumento de poder, é uma certa maneira do poder médico e psicanalítico se exercer sobre o desejo e o inconsciente.”<sup>6</sup> Michel Foucault esperava que o século se tornasse deleuziano.<sup>7</sup>

Em 2001, Daniel Colson, professor de Sociologia na Université de Saint-Étienne, em Lyon, publicou um especial volume sobre o anarquismo traçando um percurso que vai de Proudhon a Deleuze.<sup>8</sup> O dicionário de Colson está povoado de Deleuze, com seus criativos conceitos, acompanhando o leitor interessado em anarquia como imanência, esta *estranha unidade que abarca o múltiplo* chamada anarquia.

Colson chama atenção para o renascimento teórico da anarquia na segunda metade do século XX, depois de um longo eclipse, e se dispõe a persistir atento às possíveis parcerias libertárias que povoem a desestabilidade das sagradas hierarquias. Convida-nos a andar com Deleuze, e com tantos outros com os quais a anarquia estabelece afinidades secretas, trazendo-lhe a potência da saúde. Lembra, ainda, com precisão, que as afinidades anarquistas também dependem do temperamento dos envolvidos, de diferentes formas de sensibilidades, jeitos de fazer, predisposições, enfim, as afinidades libertárias como se poderia presumir não são da ordem da ideologia. Uns andam com Deleuze, outros com Deleuze e tantos mais, traçando mais anarquias segundo suas afinidades. Na anarquia cabem multiplicidades, e dentre elas a diferença de permanecer *menor* e afastado da transcendência iluminista.

Deleuze dizia que seu melhor livro junto com Guattari chama-se *Mil platôs*, um livro para uma época que não era a sua. Este longo livro foi escrito, segundo Deleuze, como um agrupamento molecular, como na composição musical.<sup>9</sup> Com muito estilo Deleuze levava, em companhia de Guattari, a diferentes platôs e a andar por rizomas, micropolíticas, devires, tratado de nomadologia, aparelho de captura, o liso e o estriado, palavras contendo mais do que sonoridades estranhas, mas histórias afirmando singularidades. Os escritos de Deleuze encorajam os anarquistas a situarem-se no *entre*, um lugar escolhido que vai de um ao outro, sem dar sossego ao modelo, ao idêntico, ao mesmo.

Deleuze foi um professor que apreciava também a aula como uma concepção musical.<sup>10</sup> Para ele a audição de uma peça não deve ser interrompida, mesmo que algumas partes pareçam confusas. Da mesma maneira, as dúvidas de uma aula podem estar resolvidas mi-

nutos após seu término e as questões mais pertinentes aparecerem na abertura da aula seguinte. Assim ele inventou um sistema com seus estudantes, contornando a regra fixa da aula magistral.

Mas a alegria de viver não espera pela morte, pode estar em sua antecipação, desgastando o *estatuto* do suicídio. Deleuze não perdeu tempo em julgar. Abalou-se e abalou muita gente. Tomara que Foucault tenha acertado e que este século seja deleuziano e com muita anarquia. Que o desejo seja a vontade de gozo no encontro atual!

### Notas

<sup>1</sup> Gilles Deleuze e Claire Parnet *Diálogos*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo, Escrita, 1998.

<sup>2</sup> Gilles Deleuze. “Meu próximo livro vai chamar-se ‘Grandeza de Marx’” in Peter Pál Pelbart e Suely Rolnick (orgs) *Cadernos de Subjetividade/Gilles Deleuze*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade/PUC-SP, jun. 1996, pp. 26-30.

<sup>3</sup> Gilles Deleuze. “Política” in *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, 34 Letras, 1992, pp. 207-226.

<sup>4</sup> Michel Foucault e Gilles Deleuze. “Introdução geral (às obras filosóficas completas de Nietzsche)” in Manoel Barros da Motta (org) *Michel Foucault. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Coleção Ditos e Escritos II. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000, pp. 36-39. Importa ainda indicar a importante entrevista realizada por ambos à L’arc, em 1972, conhecida por “Os intelectuais e o poder”, In Manoel Barros da Motta (org) *Michel Foucault. Estratégia, poder-saber*. Coleção Ditos e Escritos IV, Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003, pp. 37-47.

<sup>5</sup> Michel Foucault. “O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista”. Tradução de José Fagundes Ribeiro. In Peter Pál Pelbart et al (orgs), op. cit., p. 200.

<sup>6</sup> Michel Foucault. *A verdade e as formas jurídicas*, Tradução de Roberto C. M. Machado e Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro, PUC-Rio/Nau, 1996, pp. 29-51.

<sup>7</sup> Michel Foucault. "Theatrum Philosophicum" in Manoel B. da Motta (org), op. cit., p. 230.

<sup>8</sup> Daniel Colson. *Petit lexique philosophique de l'anarchisme. De Proudhon à Deleuze*. Lyon, Le Livre de Poche, Biblio Essais, 2001.

<sup>9</sup> *O abecedário de Gilles Deleuze* foi um vídeo gravado em VHS por Claire Parnet, em 1988, e somente veiculado após a morte de Deleuze, segundo acordo entre ambos. Circula pela Internet a versão original e uma tradução em língua portuguesa.

#### RESUMO

*Deleuze como parceria anarquista, a relevância de suas abordagens e a dimensão libertária da afinidade.*

*Palavras-chave: Deleuze, anarquia, afinidades anarquistas.*

#### ABSTRACT

*Deleuze as anarchist partnership, the relevance of his approaches and the libertarian dimension of affinity.*

*Keywords: Deleuze, anarchy, anarchists affinities.*

*Recebido para publicação em 6 de junho de 2005 e confirmado em 4 de julho de 2005.*